

Cecília Meireles

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.



* 07/11/1901 – RJ



+ 09/11/1964 – RJ - (63 anos)

Nome completo Cecília Benevides de Carvalho Meireles

Nacionalidade brasileira

Parentesco Carlos Alberto de Carvalho e Meireles e Matilde Benevides

Cônjuge Fernando Correia Dias (1922-1935) e Heitor Grillo (1940-1972)

Filhas: Maria Elvira Meireles, Maria Matilde Meireles e Maria Fernanda Meireles Correia Dias

Ocupação Poetisa, jornalista, professora de Literatura

Principais trabalhos Ou Isso ou Aquilo / Romanceiro da Inconfidência

Escola/tradição Modernismo, Simbolismo - Movimento estético

Cecília Benevides de Carvalho Meireles^[1] Foi uma [poetisa](#), [pintora](#), [professora](#) e [jornalista brasileira](#). É considerada uma das vozes [líricas](#) mais importantes das [literaturas de língua portuguesa](#).

Índice

- [1 Biografia](#)
- [2 Homenagens](#)
- [3 Obras](#)
- [4 Outros textos](#)
- [5 Referências](#)
- [6 Bibliografia](#)
- [7 Ligações externas](#)

Biografia

Órfã de pai e de mãe, Cecília foi criada por sua avó [açoriana](#), D. Jacinta Garcia Benevides, natural da [ilha de São Miguel](#). Aos nove anos, ela começou a escrever poesia.

Frequentou a [Escola Normal](#) no Rio de Janeiro, entre os anos de 1913 e 1916 e estudou [línguas](#), [literatura](#), [música](#), [folclore](#) e [teoria educacional](#).

Em 1919, aos dezoito anos de idade, Cecília Meireles publicou seu primeiro livro de poesias, *Espectros*, um conjunto de [sonetos simbolistas](#). Embora vivesse sob a influência do [Modernismo](#), apresentava ainda, em sua obra, heranças do Simbolismo e técnicas do [Classicismo](#), [Gongorismo](#), [Romantismo](#), [Parnasianismo](#), [Realismo](#) e [Surrealismo](#), razão pela qual a sua poesia é considerada atemporal.

No ano de 1922 casou com o [artista plástico](#) português [Fernando Correia Dias](#), com quem teve três filhas. Seu marido, que sofria de [depressão](#) aguda, suicidou-se em 1935.

Voltou a se casar, no ano de 1940, quando se uniu ao professor e [engenheiro agrônomo](#) [Heitor Vinícius da Silveira Grilo](#), falecido em 1972. Dentre as três filhas que teve, a mais conhecida é [Maria Fernanda](#) que se tornou atriz de sucesso.

Teve ainda importante atuação como [jornalista](#), com publicações diárias sobre problemas na [educação](#), área à qual se manteve ligada, **tendo fundado, em 1934, a primeira biblioteca infantil do Brasil.**

Observa-se ainda seu amplo reconhecimento na poesia infantil com textos como *Leilão de Jardim*, *O Cavalinho Branco*, *Colar de Carolina*, *O mosquito escreve*, *Sonhos da menina*, *O menino azul* e *A pombinha da mata*, entre outros.

Com eles traz para a poesia infantil a musicalidade característica de sua poesia, explorando versos regulares, a combinação de diferentes metros, o verso livre, a [aliteração](#), a [assonância](#) e a [rima](#). Os poemas infantis não ficam restritos à leitura infantil, permitindo diferentes níveis de leitura.

Em 1923, publicou *Nunca Mais... e Poema dos Poemas*, e,

Em 1925, *Baladas Para El-Rei*. Após longo período,

Em 1939, publicou *Viagem*, livro com o qual ganhou o Prêmio de Poesia da [Academia Brasileira de Letras](#). [Católica](#), escreveu textos em homenagem a santos, como *Pequeno Oratório de Santa Clara*, de 1955; *O Romance de Santa Cecília* e outros.

Em 1951 viajou pela [Europa](#), [Índia](#) e [Goa](#), e visitou pela primeira e única vez os [Açores](#), onde na ilha de São Miguel contatou o poeta [Armando César Côrtes-Rodrigues](#), amigo e correspondente desde a [década de 1940](#).^[2]

Homenagens

- Prémio Machado de Assis (1965)
- Sócia honorária do [Real Gabinete Português de Leitura](#)
- Sócia honorária do Instituto Vasco da Gama (Goa)
- Doutora "*honoris causa*" pela [Universidade de Delhi](#) (Índia)
- Oficial da Ordem do Mérito ([Chile](#))

Nos Açores, de onde eram oriundos os seus pais,^[3] o nome de Cecília Meireles foi dado à escola básica da freguesia de [Fajã de Cima](#), concelho de [Ponta Delgada](#), terra de sua avó-materna, Jacinta Garcia Benevides.

Após sua morte, recebeu como homenagem a impressão de uma cédula de cem [cruzados novos](#). Esta cédula com a efígie de Cecília Meireles, lançada pelo [Banco Central do Brasil](#), no Rio de

Janeiro (RJ), em 1989, seria mudada para cem cruzeiros, quando da troca da moeda pelo governo de Fernando Collor.^[4] ^[5]

Obras



Cecília Meireles em **Lisboa**. Desenho de seu primeiro marido, **Fernando Correia Dias**.

- [Espectros](#), 1919
- [Criança, meu amor](#), 1923
- Nunca mais, 1923
- Poema dos Poemas, 1923
- Baladas para El-Rei, 1925
- Saudação à menina de Portugal, 1930
- Batuque, samba e Macumba, 1933
- O Espírito Vitorioso, 1935
- A Festa das Letras, 1937
- Viagem, 1939
- Vaga Música, 1942
- Poetas Novos de Portugal, 1944
- Mar Absoluto, 1945
- Rute e Alberto, 1945
- Rui — Pequena História de uma Grande Vida, 1948
- Retrato Natural, 1949
- Problemas de Literatura Infantil, 1950
- Amor em Leonoreta, 1952
- Doze Noturnos de Holanda e o Aeronauta, 1952
- [Romanceiro da Inconfidência](#), 1953

- Poemas Escritos na Índia, 1953
- Batuque, 1953
- Pequeno Oratório de Santa Clara, 1955
- Pistoia, Cemitério Militar Brasileiro, 1955
- Panorama Folclórico de Açores, 1955
- Canções, 1956
- Giroflê, Giroflá, 1956
- Romance de Santa Cecília, 1957
- A Bíblia na Literatura Brasileira, 1957
- A Rosa, 1957
- Obra Poética, 1958
- Metal Rosicler, 1960
- Poemas de Israel, 1963
- Antologia Poética, 1963
- Solombra, 1963
- [Ou Isto ou Aquilo](#), 1964
- Escolha o Seu Sonho, 1964
- Crônica Trovada da Cidade de San Sebastian do Rio de Janeiro, 1965
- O Menino Atrasado, 1966
- Poésie (versão francesa), 1967
- Antologia Poética, 1968
- Poemas Italianos, 1968
- Poesias (Ou isto ou aquilo & inéditos), 1969
- Flor de Poemas, 1972
- Poesias Completas, 1973
- Elegias, 1974
- Flores e Canções, 1979
- Poesia Completa, 1994
- Obra em Prosa - 6 Volumes - Rio de Janeiro, 1998
- Canção da Tarde no Campo, 2001
- Poesia Completa, edição do centenário, 2001, 2 vols. (Org.: Antonio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira)
- Crônicas de educação, 2001, 5 vols. (Org.: Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira)

- Episódio Humano, 2007
- Uma obra bastante particular e pouco conhecida de Cecília Meireles é o infanto-juvenil Olhinhos de Gato. Baseado na vida de Cecília, conta sua infância depois que perdeu sua mãe Matilde Benevides Meireles e como foi criada por sua avó D. Jacinta Garcia Benevides (Boquinha de Doce, no livro)

Cecília foi uma das maiores poetisas do Brasil, Raimundo Fagner gravou várias músicas tendo seus poemas como base. A exemplo de "**Canteiros**", "**Motivo**", e tantos outros.

Outros textos

- 1947 - Estreia "Auto do Menino Atrasado", direção de Olga Obry e Martim Gonçalves. música de Luís Cosme; marionetes, fantoches e sombras feitos pelos alunos do curso de teatro de bonecos.
- **1956/1964 - Gravação de poemas por Margarida Lopes de Almeida, Jograis de São Paulo e pela autora (Rio de Janeiro - Brasil)**
- 1965 - Gravação de poemas pelo professor Cassiano Nunes (New York - USA).
- 1972 - Lançamento do filme "Os inconfidentes", direção de [Joaquim Pedro de Andrade](#), argumento baseado em trechos de "**O Romanceiro da Inconfidência**".

Referências

1. ↑ Na ortografia vigente à época de seu nascimento, seu nome era grafado *Cecilia Benevides de Carvalho Meirelles*.
2. ↑ GOUVEIA, 2001:187.
3. ↑ GOUVEIA, 2001:187.
4. ↑ http://www.releituras.com/cmeireles_bio.asp
5. ↑ <http://www.bb.com.br/portalbb/page3,8703,8715,1,0,1,6.bb?codigoMenu=4686&codigoNoticia=5549&codigoRet=4696&bread=7>

Bibliografia

- GOUVEIA, Margarida Maia. "Cecília Meireles: um percurso de espiritualidade". in *Atlântida*, vol. XLVI, 2001, p. 187-194.

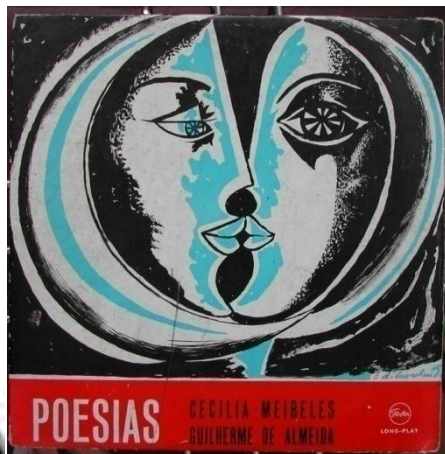
Ligações externas

O [Wikiquote](#) possui citações de ou sobre: ***Cecília Meireles***

- [Biografia e poemas de Cecília Meireles](#)
- [Cecília Meireles in: Projeto Releitura](#)
- [Cecília Meireles in: Secrel.net](#)
- [Cecília Meireles in: Pegasos \(em inglês\)](#)
- [Poemas de Amor - Poemas de Cecília Meireles](#)

Cecília Meireles

Cecilia Meireles



Vol. IX

Cecilia Meireles
Guilherme de Almeida

POESIAS

LPP 009

Face A

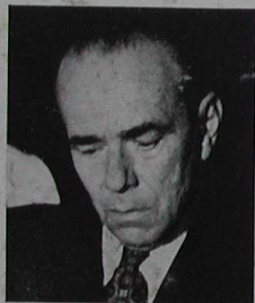
CECILIA MEIRELES

1. Apresentação.
2. Retrato.
3. Elegia a uma pequena borboleta.
4. Guitarra.
5. Cavalo Morto.
6. Romance da Bandeira da Inconfidência.
7. Continuação.



Face B

GUILHERME DE ALMEIDA



1. Carta a minha noiva.

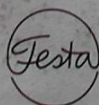
Capa de Emiliano Di Cavalcanti
Direção de Irineu Garcia e Carlos Ribeiro

DESTA COLEÇÃO:

- LPP-001 - Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade.
- LPP-002 - Vinícius de Moraes e Paulo Mendes Campos.
- LPP-003 - Augusto Frederico Schmidt e Abgar Renault.
- LPP-004 - Guilherme de Almeida e Onestaldo de Pennafort.
- LPP-005 - Olegário Mariano e Alvaro Moreyra.
- LPP-006 - Ascleão Ferreira e Vargas Netto.
- LPP-007 - Menotti Del Picchia e Emilio Moura.
- LPP-008 - Cassiano Ricardo e Adalgiza Nery.

PROXIMO LANÇAMENTO:

- LPP-010 - Murilo Mendes e João Cabral de Melo Neto.



FESTA, DISCOS LTDA.

Rua São José, 46 - Sala, 405 - 4.º andar
Rio de Janeiro - Brasil

Uma impressão sobre a Poesia de CECILIA MEIRELES

A arte de Cecília Meireles é essencialmente clássica. Não por influência, ainda menos por imitação, mas porque nasceu assim. Em presença de um poema seu, sente-se a adequação perfeita da expressão à idéia e da forma à expressão. Contribui para isto a circunstância de seus temas em geral não estarem condicionados pela atualidade e de seus versos estarem isentos do que habitualmente se chama cor local.

Medularmente lírica, empenha-se a poetisa, em grande número de seus poemas, numa autoexplicação. Dirige-a a outros seres, é claro, como fazem todos os poetas; mas dirige-a também e sobretudo a si própria, a fim de encontrar no seu microcosmo resposta às perguntas que lhe lança o universo. Da necessidade desta contínua confrontação consigo mesma deve nascer essa multidão de espelhos que povoam os seus livros.

Outra especialidade de Cecília Meireles, se é permitido exprimirmo-nos assim, consiste em captar em poemas de poucas palavras um instante fugaz, iluminá-lo com mágica luz, e colocando-o numa perspectiva de eternidade, dar-lhe amplitude majestosa.

Incessantemente distraída pelos fenômenos, dilacerada pelas emoções, metamorfoseada pela sucessão dos momentos, a artista desenvolve um esforço contínuo no sentido de se defender contra uma inevitável fragmentação e em confiar as parcelas de seu mosaico íntimo a algo impercível. Eis porque o conceito de memória e suas variantes são uma constante de seu lirismo. Os acontecimentos, ela os percebe e os sente transfigurados em futuras lembranças; daí encontrar neles um sabor estranho e amargo, daí sentir dolorosamente aquilo que para os demais é apenas espetáculo.

Assim vai esse grande e extraordinário poeta reinventando sempre a realidade, cumprindo o seu "ofício de ter alma", projetando em versos alados, dos mais belos do idioma.

"a dor que os homens me deram
e a canção que Deus me deu."

OUTRA, SOBRE A POESIA DE GUILHERME DE ALMEIDA

Ao procurar as características da poesia de Guilherme de Almeida, ocorrem-me estas quatro palavras: unidade, serenidade, simplicidade, flexibilidade.

Quase todos os volumes do poeta, ou talvez todos (mesmo *Raça* e *1925*), contêm poesia de amor, ou melhor, formam um único poema de amor. As nuances desse sentimento dominante, da alegria contida à saudade resignada, são expressas com a discreção de um pudor e um bom gosto inatos. A riqueza de recursos formais do autor faz que as inúmeras variações em torno do seu grande assunto não nos pareçam monótonas. Sonetos, cânticos, pequenos romances em versos, reminiscências em tom de conversa, leves brincadeiras musicais, séries de cartas, exóticos quadros múltiplos são algumas das formas em que ele vazava suas confidências de tanta força comunicativa.

Até nos poemas de desengano e de despedida, uma permanente serenidade irradia luz quente e tranquilizadora, a mensagem amiga de quem pode dizer que na longa caminhada "nunca vi flores em que houvesse espinhos".

A simplicidade, anunciada desde o primeiro poema do volume de estréia, é outra qualidade principal desta poesia. Essa simplicidade, graças à qual o poeta conseguiu tão ampla repercussão, não é a expressão de uma toca ingenuidade; representa, pelo contrário, o resultado de uma sensibilidade apurada e de uma equilibrada cultura. Ela admite requintes de ritmo e cintilação deslumbrante do verso, de que Guilherme de Almeida é um dos maiores artefices entre nós. Suas acrobacias mais ousadas nesse terreno não chegam a dar ao leitor a menor impressão de esforço.

O nosso poeta move-se, afinal, com incrível facilidade dentro de todos os estilos, sabendo reproduzir com igual autenticidade a pureza da canção grega, o hierático despojamento do haikai, a paixão encerrada na ingênua disciplina dos velhos cancioneiros, o fogo escondido por trás do jogo dos conceitos camonianos, a musicalidade de Verlaine. Evoluindo com segurança num labirinto de tantos caminhos, não se perde nele e consegue realizar obra harmoniosa e original.

PAULO RÓNAI

LPP 009

POESIAS

Cecilia Meireles
Guilherme de Almeida

Vol. IX

CECILIA MEIRELES / GUILHERME DE ALMEIDA

POESIAS - VOLUME 9

GRAVADORA FESTA - LPP – 009 - 10 POLEGADAS

LADO A -CECILIA MEIRELES

1 – APRESENTAÇÃO

02 - RETRATO

03 - ELEGIA A UMA PEQUENA BORBOLETA

04 - GUITARRA

05 - CAVALO MORTO

06 - BALADA DAS DEZ BAILARINAS DO CASSINO

07 - ROMANCE DA BANDEIRA DA INCONFIDÊNCIA

08- CONTINUAÇÃO

LADO B [GUILHERME DE ALMEIDA]

01 - CARTA A MINHA NOIVA

CAPA E DISCO EM BOM ESTADO

Cecilia Meireles / Guilherme De Almeida - Poesias-10 Polegadas



01 Apresentação - (in 'Retrato Natural')

Cecília Meireles I



Aqui está minha vida — esta areia tão clara
com desenhos de andar dedicados ao vento.

Aqui está minha voz — esta concha vazia,
sombra de som curtindo o seu próprio
lamento.

Aqui está minha dor — este coral quebrado,
sobrevivendo ao seu patético momento.

Aqui está minha herança — este mar solitário,
que de um lado era amor e, do outro,
esquecimento.

Translation in English: Presentation

Here is my life - this sand so clear
with drawings of floor dedicated to the wind.
Here is my voice - this empty shell,
Sound enjoying the shade of your own regret.
Here is my pain - this coral broken

Cecília Meireles II



surviving its pathetic moment.

Here is my heritage - this lonely sea,
that on one side was love and the other,
forgetting.

Cecilia Meireles, in 'Natural Portrait'

Traduction en Français: "Présentation" **présentation**

Voici ma vie - ce sable si clair
avec des dessins de sol dédié au vent.
Voici ma voix - cette coquille vide,
Son profite de l'ombre de votre grand regret.
Voici ma douleur - ce corail brisé
survivant son moment pathétique.
Voici mon patrimoine - cette mer solitaire,
que d'un côté l'amour et l'autre, l'oubli.
Cecilia Meireles, dans «Portrait naturel»

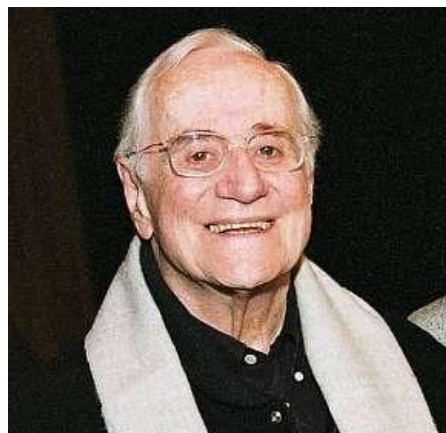
02 Retrato

Cecília Meireles I

Cecília Meireles II

Paulo Autran I

Paulo Autran II



"Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios, nem o lábio amargo.
Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração que nem se mostra.
Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
Em que espelho ficou perdida a minha face?"



03 - Elegia a uma pequena borboleta - (In Retrato natural)

Cecília Meireles I



Cecília Meireles II

Cecília Meireles III



Como chegavas do casulo,
— inacabada seda viva —
tuas antenas — fios soltos
da trama de que eras tecida,
e teus olhos, dois grãos da noite
de onde o teu mistério surgia,

Como caíste sobre o mundo
inábil, na manhã tão clara,
sem mãe, sem guia, sem conselho,
e rolavas por uma escada
como papel, penugem, poeira,
com mais sonho e silêncio que asas,

minha mão tosca te agarrou
com uma dura, inocente culpa,
e é cinza de lua teu corpo,
meus dedos, sua sepultura.
Já desfeita e ainda palpitante,
expiras sem noção nenhuma.

Ó bordado do véu do dia,
transparente anêmona aérea!
não leves meu rosto contigo:
leva o pranto que te celebra,
no olho precário em que te acabas,
meu remorso ajoelhado leva!

Choro a tua forma violada,
miraculosa, alva, divina,
criatura de pólen, de aragem,
diáfana pétala da vida!
Choro ter pesado em teu corpo
que no estame não pesaria.

Choro esta humana insuficiência:
— a confusão dos nossos olhos
— o selvagem peso do gesto,
— cegueira — ignorância — remotos
instintos súbitos — violências
que o sonho e a graça prostram mortos

Pudesse a etéreos paraísos
ascender teu leve fantasma,
e meu coração penitente
ser a rosa desabrochada
para servir-te mel e aroma,
por toda a eternidade escrava!

E as lágrimas que por ti choro
fossem o orvalho desses campos,
— os espelhos que refletissem
— vôo e silêncio — os teus encantos,
com a ternura humilde e o remorso
dos meus desacertos humanos!

04 – Guitarra (*Punhal de Prata*)

Cecília Meireles



Guitarra barroca



Guitarra

Punhal de prata já eras,
punhal de prata!
Nem foste tu que fizeste a minha mão insensata.
Vi-te brilhar entre as pedras,
punhal de prata!
No cabo flores abertas,
no gume, a medida exata,
exata,
a medida certa,
punhal de prata,
para atravessar-me o peito
com uma letra e uma data.
A maior pena que eu tenho,
punhal de prata, não é de me ver morrendo,
mas de saber quem me mata.

05 Cavalo Morto

Cecília Meireles



O cavalo morto

Vi a névoa da madrugada
deslizar seus gestos de prata,
mover densidades de opala
naquele pórtico de sono.

Na fronteira havia um cavalo morto.

Grãos de cristal rolavam pelo
seu flanco nítido; e algum vento
torcia-lhes as crinas, pequeno,
leve arabesco, triste adorno,

- e movia a cauda ao cavalo morto.

As estrelas ainda viviam
e ainda não eram nascidas
ah ! as flores daquele dia ...
- mas era um canteiro o seu corpo:

Um jardim de lírios, o cavalo morto.

Muitos viajantes contemplaram
a fluida música, a orvalhada

das grandes moscas de esmeralda
chegando em rumoroso jorro.
Adernava triste, o cavalo morto.

E viam-se uns cavalos vivos,
altos como esbeltos navios,
galopando nos ares finos,
com felizes perfis de sonho.

Branco e verde via-se o cavalo morto,
no campo enorme e sem recurso,
- e devagar girava o mundo
entre as suas pestanas, turvo
como em luas de espelho roxo.

Dava sol nos dentes do cavalo morto.

Mas todos tinham muita pressa,
e não sentiram como a terra
procurava, de légua em légua,
o ágil, o imenso, o etéreo sopro
que faltava àquele arcabouço.
Tão pesado, o peito do cavalo morto !

Cecília Meireles é um pouco como Guimarães Rosa, uma grande artista brasileira que precisa ser resgatada de um equívoco crítico que vai se repetindo em um eco meio irrefletido e acaba tornando algo aparente e claro em um mistério que ninguém vê.

O poema *Cavalo Morto* é exemplo de que Cecília não é essa passadista meio morna que os manuais escolares de literatura querem projetar.

O cavalo desse contundente poema faz companhia na minha imaginação ao cavalo morto de um romance de Faulkner [*As I Lay Dying*], aos cavalos mortos do filme de Buñuel & Dalí [*Le chien andalou*] e ao **terrível genocídio equino de Grande Sertão: Veredas**.



06 Balada das dez bailarinas do Cassino

Cecília Meireles



Balada das Dez Bailarinas do Cassino
Dez bailarinas deslizam
por um chão de espelho.
Têm corpos egípcios com placas douradas,
pálpebras azuis e dedos vermelhos.
Levantam véus brancos, de ingênuos aromas,
e dobram amarelos joelhos.

Andam as dez bailarinas
sem voz, em redor das mesas.
Há mãos sobre facas, dentes sobre flores
e com os charutos toldam as luzes acesas.
Entre a música e a dança escorre
uma sedosa escada de vileza.

As dez bailarinas avançam
como gafanhotos perdidos.
Avançam, recuam, na sala compacta,
empurrando olhares e arranhando o ruído.
Tão nuas se sentem que já vão cobertas
de imaginários, chorosos vestidos.

A dez bailarinas escondem
nos cílios verdes as pupilas.
Em seus quadris fosforescentes,
passa uma faixa de morte tranqüila.
Como quem leva para a terra um filho morto,
levam seu próprio corpo, que baila e cintila.

Os homens gordos olham com um tédio
enorme
as dez bailarinas tão frias.
Pobres serpentes sem luxúria,
que são crianças, durante o dia.
Dez anjos anêmicos, de axilas profundas,
embalsamados de melancolia.

Vão perpassando como dez múmias,
as bailarinas fatigadas.
Ramo de nardos inclinando flores
azuis, brancas, verdes, douradas.
Dez mães chorariam, se vissem
as bailarinas de mãos dadas.

07 – Romance XXIV ou da Bandeira da Inconfidência

Cecília Meireles



Através de grossas portas,
sentem-se luzes acesas,
— e há indagações minuciosas
dentro das casas fronteiras:
olhos colados aos vidros,
mulheres e homens à espreita,
caras disformes de insônia,
vigilando as ações alheias.
Pelas gretas das janelas,
pelas frestas das esteiras,
agudas setas atiram
a inveja e a maledicência.
Palavras conjeturadas
oscilam no ar de surpresas,
como peludas aranhas
na gosma das teias densas,
rápidas e envenenadas,
engenhosas, sorradeiras.

Atrás de portas fechadas,
à luz de velas acesas,
brilham fardas e casacas,
junto com batinas pretas.
E há finas mãos pensativas,

entre galões, sedas, rendas,
e há grossas mãos vigorosas,
de unhas fortes, duras veias,
e há mãos de púlpito e altares,
de Evangelhos, cruces, bênçãos.
Uns são reinóis, uns, mazombos;
e pensam de mil maneiras;
mas citam Vergílio e Horácio,
e refletem, e argumentam,
falam de minas e impostos,
de lavras e de fazendas,
de ministros e rainhas
e das colônias inglesas.

Atrás de portas fechadas,
à luz de velas acesas,
uns sugerem, uns recusam,
uns ouvem, uns aconselham.
Se a derrama for lançada,
há levante, com certeza.
Corre-se por essas ruas?
Corta-se alguma cabeça?
Do cimo de alguma escada,
profere-se alguma arenga?

Que bandeira se desdobra?

Com que figura ou legenda?

**Coisas da Maçonaria,
do Paganismo ou da Igreja?
A Santíssima Trindade?**

Um gênio a quebrar algemas?

Atrás de portas fechadas,

à luz de velas acesas,

entre sigilo e espionagem,

acontece a Inconfidência.

E diz o Vigário ao Poeta:

"Escreva-me aquela letra
do versinho de Vergílio..."

E dá-lhe o papel e a pena.

E diz o Poeta ao Vigário,

com dramática prudência:

"Tenha meus dedos cortados
antes que tal verso escrevam..."

LIBERDADE, AINDA QUE TARDE,

ouve-se em redor da mesa.

E a bandeira já está viva,

e sobe, na noite imensa.

E os seus tristes inventores

já são réus — pois se atreveram

a falar em Liberdade

(que ninguém sabe o que seja).

Através de grossas portas,

sentem-se luzes acesas,

— e há indagações minuciosas
dentro das casas fronteiras.

"Que estão fazendo, tão tarde?

Que escrevem, conversam, pensam?

Mostram livros proibidos?

Lêem notícias nas Gazetas?

Terão recebido cartas

de potências estrangeiras?"

(Antiguidades de Nimes

em Vila Rica suspensas!

Cavalo de La Fayette

saltando vastas fronteiras!

Ó vitórias, festas, flores

das lutas da Independência!

Liberdade - essa palavra,

que o sonho humano alimenta:

que não há ninguém que explique,
e ninguém que não entenda!)

E a vizinhança não dorme:

murmura, imagina, inventa.

Não fica bandeira escrita,

mas fica escrita a sentença.

Com este lindo texto extraído do livro "**Romanceiro da Inconfidência**", Editora Letras e Artes - Rio de Janeiro, 1965, pág. 70, homenageamos a autora que, no dia 07-11-2001, estaria completando 100 anos de idade.

O poema mostra muito bem vários detalhes do que deveria ser a vida em Vila Rica, atual Ouro Preto, naquele tempo: peças de vestuário, detalhes dos móveis, atitudes da vizinhança. A técnica de construção usada naquele tempo não era tão boa quanto a de hoje em dia, e as casas eram próximas umas das outras. Por isso, o hábito de ouvir a conversa alheia pelas portas existia, e a crença de que "as paredes têm ouvidos" era muito real.

Cecília mostra muito bem como os sussurros dos inconfidentes eram vigiados por vizinhos, às vezes maldosos. Naquela situação, apenas pensar em liberdade era um crime gravíssimo, mas os inconfidentes enfrentaram esse perigo. Dentre muitos momentos bonitos do poema, um é para guardar para sempre, a linda definição de liberdade dada por Cecília: "Liberdade: essa palavra que o sonho humano alimenta, que não há ninguém que explique, e ninguém que não entenda".

08 – Continuação

Cecília Meireles



"Aprendi com as Primaveras a me deixar cortar para poder voltar sempre inteira."

"Liberdade é uma palavra que o sonho humano alimenta, não há ninguém que explique e ninguém que não entenda."

"Há pessoas que nos falam e nem as escutamos, há pessoas que nos ferem e nem cicatrizes deixam, mas há pessoas que simplesmente aparecem em nossas vidas e nos marcam para sempre."



Canteiros

Letra: Cecília Meireles



Música e Interpretação: Fagner



Quando penso em você

Fecho os olhos de saudade

Tenho tido muita coisa

Menos a felicidade

Correm os meus dedos longos

Em versos tristes que invento

Nem aquilo a que me entrego

Já me dá contentamento

Pode ser até amanhã

Sendo claro, feito o dia

Mas nada do que me dizem me faz sentir
alegria

(Refrão 2X)

Eu só queria ter do mato

Um gosto de framboesa

Pra correr entre os canteiros

E esconder minha tristeza

E eu ainda sou bem moço pra tanta tristeza...

E deixemos de coisa, cuidemos da vida

Pois se não chega a morte

Ou coisa parecida

E nos arrasta moço

Sem ter visto a vida

É pau, é pedra, é o fim do caminho

É um resto de toco, é um pouco sozinho

É um caco de vidro, é a vida, é o sol

É a noite, é a morte, é um laço, é o anzol

São as águas de março fechando o verão

É promessa de vida em nosso coração.

Poemas de Cecília Meireles



Nem tudo é fácil

É difícil fazer alguém feliz, assim como é fácil fazer triste.

É difícil dizer eu te amo, assim como é fácil não dizer nada

É difícil valorizar um amor, assim como é fácil perdê-lo para sempre.

É difícil agradecer pelo dia de hoje, assim como é fácil viver mais um dia.

É difícil enxergar o que a vida traz de bom, assim como é fácil fechar os olhos e atravessar a rua.

É difícil se convencer de que se é feliz, assim como é fácil achar que sempre falta algo.

É difícil fazer alguém sorrir, assim como é fácil fazer chorar.

É difícil colocar-se no lugar de alguém, assim como é fácil olhar para o próprio umbigo.

Se você errou, peça desculpas...

É difícil pedir perdão? Mas quem disse que é fácil ser perdoado?

Se alguém errou com você, perdoa-o...

É difícil perdoar? Mas quem disse que é fácil se arrepender?

Se você sente algo, diga...

É difícil se abrir? Mas quem disse que é fácil encontrar

alguém que queira escutar?

Se alguém reclama de você, ouça...

É difícil ouvir certas coisas? Mas quem disse que é fácil ouvir você?

Se alguém te ama, ame-o...

É difícil entregar-se? Mas quem disse que é fácil ser feliz?

Nem tudo é fácil na vida...Mas, com certeza, nada é impossível

Precisamos acreditar, ter fé e lutar

para que não apenas sonhemos, Mas também tornemos todos esses desejos,

realidade!!!

Cecília Meireles

O Amor...

Cecília Meireles



É difícil para os indecisos.

É assustador para os medrosos.

Avassalador para os apaixonados!

Mas, os vencedores no amor são os fortes.

Os que sabem o que querem e querem o que têm!

Sonhar um sonho a dois,

e nunca desistir da busca de ser feliz,

é para poucos!!"

eu sou uma desses "poucos"

amo avassaladoramente

O AMOR DAS MINHAS VIDAS...

Cecília Meireles

Basta-me um pequeno gesto,

feito de longe e de leve,

para que venhas comigo

e eu para sempre te leve...

LUA ADVERSA



Cecília Meireles

Tenho fases, como a lua
Fases de andar escondida,
fases de vir para a rua...
Perdição da minha vida!
Perdição da vida minha!
Tenho fases de ser tua,
tenho outras de ser sozinha.

Fases que vão e vêm,
no secreto calendário
que um astrólogo arbitrário
inventou para meu uso.

E roda a melancolia
seu interminável fuso!

Não me encontro com ninguém
(tenho fases como a lua...)

No dia de alguém ser meu

não é dia de eu ser sua...
E, quando chega esse dia,
o outro desapareceu...

Cecília Meireles

Despedida

Por mim, e por vós, e por mais aquilo
que está onde as outras coisas nunca estão,
deixo o mar bravo e o céu tranqüilo:
quero solidão.

Meu caminho é sem marcos nem paisagens.

E como o conheces? - me perguntarão.

- Por não ter palavras, por não ter imagens.

Nenhum inimigo e nenhum irmão.

Que procuras? Tudo. Que desejas? - Nada.

Viajo sozinha com o meu coração.

Não ando perdida, mas desencontrada.

Levo o meu rumo na minha mão.

A memória voou da minha frente.

Voou meu amor, minha imaginação...

Talvez eu morra antes do horizonte.

Memória, amor e o resto onde estarão?

Deixo aqui meu corpo, entre o sol e a terra.

(Beijo-te, corpo meu, todo desilusão!

Estandarte triste de uma estranha guerra...)

Quero solidão.



Motivo



Cecília Meireles

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.



Serenata



Cecília Meireles

"Permita que eu feche os meus olhos,
pois é muito longe e tão tarde!
Pensei que era apenas demora,
e cantando pus-me a esperar-te.
Permita que agora emudeça:
que me conforme em ser sozinha.
Há uma doce luz no silêncio, e a dor é de origem divina.
Permita que eu volte o meu rosto para um céu maior que este mundo,
e aprenda a ser dócil no sonho como as estrelas no seu rumo"

Cecília Meireles

E minha alma, sem luz nem tenda,
passa errante, na noite má,
à procura de quem me entenda
e de quem me consolará...

Cecília Meireles

A arte de ser feliz

Houve um tempo em que minha janela se abria
sobre uma cidade que parecia ser feita de giz.
Perto da janela havia um pequeno jardim quase seco.
Era uma época de estiagem, de terra esfarelada,
e o jardim parecia morto.
Mas todas as manhãs vinha um pobre com um balde,
e, em silêncio, ia atirando com a mão umas gotas de água sobre as plantas.
Não era uma rega: era uma espécie de aspersão ritual, para que o jardim não morresse.
E eu olhava para as plantas, para o homem, para as gotas de água que caíam de seus dedos magros e
meu coração ficava completamente feliz.
Às vezes abro a janela e encontro o jasmineiro em flor.
Outras vezes encontro nuvens espessas.
Avisto crianças que vão para a escola.
Pardais que pulam pelo muro.
Gatos que abrem e fecham os olhos, sonhando com pardais.
Borboletas brancas, duas a duas, como refletidas no espelho do ar.
Marimbondos que sempre me parecem personagens de Lope de Vega.
Às vezes, um galo canta.
Às vezes, um avião passa.
Tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino.
E eu me sinto completamente feliz.
Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas,
que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem,
outros que só existem diante das minhas janelas, e outros,
finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.

SONETO ANTIGO

Responder a perguntas não respondo.
Perguntas impossíveis não pergunto.
Só do que sei de mim aos outros conto:
de mim, atravessada pelo mundo.

Toda a minha experiência, o meu estudo,
sou eu mesma que, em solidão paciente,
recolho do que em mim observo e escuto
muda lição, que ninguém mais entende.

O que sou vale mais do que o meu canto.
Apenas em linguagem vou dizendo
caminhos invisíveis por onde ando.

Tudo é secreto e de remoto exemplo.
Todos ouvimos, longe, o apelo do Anjo.
E todos somos pura flor de vento.

Cecília Meireles

Renova-te.
Renasce em ti mesmo.
Multiplica os teus olhos, para verem mais.
Multiplica-se os teus braços para semeares
tudo.

Destrói os olhos que tiverem visto.
Cria outros, para as visões novas.
Destrói os braços que tiverem semeado,
Para se esquecerem de colher.
Sê sempre o mesmo.

Sempre outro. Mas sempre alto.
Sempre longe.
E dentro de tudo.
Cecília Meireles

Tu tens um medo:
Acabar.
Não vês que acabas todo o dia.
Que morres no amor.
Na tristeza.
Na dúvida.
No desejo.
Que te renovas todo o dia.
No amor.
Na tristeza.
Na dúvida.
No desejo.
Que és sempre outro.
Que és sempre o mesmo.
Que morrerás por idades imensas.
Até não teres medo de morrer.
E então serás eterno.

Cecília Meireles

Se você errou
Se você errou, peça desculpas...
É difícil perdoar?
Mas quem disse que é fácil se arrepender?

Se você sente algo diga...
É difícil se abrir?
Mas quem disse que é fácil encontrar alguém
que queira escutar?
Se alguém reclama de você, ouça...
É difícil ouvir certas coisas?
Mas quem disse que é fácil ouvir você?
Se alguém te ama, ame-o...
É difícil entregar-se?
Mas quem disse que é fácil ser feliz?
Nem tudo é fácil na vida...
Mas, com certeza, nada é impossível...
Cecília Meireles
Não digas onde acaba o dia.
Onde começa a noite.
Não fales palavras vãs.
As palavras do mundo.
Não digas onde começa a Terra,
Onde termina o céu
Não digas até onde és tu.
Não digas desde onde és Deus.
Não fales palavras vãs.
Desfaze-te da vaidade triste de falar.
Pensa, completamente silencioso,
Até a glória de ficar silencioso,
Sem pensar.

Cecília Meireles
Canção do Sonho Acabado
Já tive a rosa do amor
- rubra rosa, sem pudor.
Cobicei, cheirei, colhi.
Mas ela despetalou
E outra igual, nunca mais vi.
Já vivi mil aventuras,
Me embriaguei de alegria!
Mas os risos da ventura,
No limiar da loucura,
Se tornaram fantasia...
Já almejei felicidade,
Mãos dadas, fraternidade,
Um ideal sem fronteiras
- utopia! Voou ligeira,
Nas asas da liberdade.
Desejei viver. Demais!
Segurar a juventude,
Prender o tempo na mão,
Plantar o lírio da paz!
Mas nem mesmo isto eu pude:
Tentei, porém nada fiz...
Muito, da vida, eu já quis.
Já quis... mas não quero mais...

Epigrama n. 2

Cecília Meireles

És precária e veloz, Felicidade.

Custas a vir e, quando vens, não te demoras.

Foste tu que ensinaste aos homens que havia tempo,

e, para te medir, se inventaram as horas.

Felicidade, és coisa estranha e dolorosa:

Fizeste para sempre a vida ficar triste:

Porque um dia se vê que as horas todas passam,

e um tempo despovoado e profundo, persiste.

Cecília Meireles

Sou entre flor e nuvem,

estrela e mar. Por que

havemos de ser unicamente

humanos, limitados em chorar?

Não encontro caminhos fáceis

de andar. Meu rosto vário

desorienta as firmes pedras

que não sabem de água e de ar.

Cecília Meireles

É preciso não esquecer nada:

nem a torneira aberta nem o fogo aceso,

nem o sorriso para os infelizes

nem a oração de cada instante.

É preciso não esquecer de ver a nova borboleta

nem o céu de sempre.

O que é preciso é esquecer o nosso rosto,

o nosso nome, o som da nossa voz, o ritmo do nosso pulso.

O que é preciso esquecer é o dia carregado de atos,
a idéia de recompensa e de glória.

O que é preciso é ser como se já não fôssemos,
vigiados pelos próprios olhos
severos conosco, pois o resto não nos pertence.

Cecília Meireles

Tenho fases, como a lua
Fases de andar escondida,
fases de vir para a rua...
Perdição da minha vida!
Perdição da vida minha!
Tenho fases de ser tua,
tenho outras de ser sozinha.

Cecília Meireles

A bailarina

Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.
Não conhece nem dó nem ré
mas sabe ficar na ponta do pé.
Não conhece nem mi nem fá
Mas inclina o corpo para cá e para lá
Não conhece nem lá nem si,
mas fecha os olhos e sorri.
Roda, roda, roda, com os bracinhos no ar

e não fica tonta nem sai do lugar.

Põe no cabelo uma estrela e um véu

e diz que caiu do céu.

Esta menina

tão pequenina

quer ser bailarina.

Mas depois esquece todas as danças,

e também quer dormir como as outras crianças.

Cecília Meireles

